

u

Das Ruas – O Mercado Informal através da Fotografia Documental¹Yuri de Mesquita Barichivich²Fabio Gomes Goveia³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

RESUMO

O projeto é um ensaio fotográfico que retrata o mercado informal na cidade de Vitória, em qualquer circunstância, e de forma que seja possível transmitir ao resto da sociedade a importância dessas pessoas no nosso dia a dia. Tentando abranger a sociedade capixaba, o ensaio busca dar voz aqueles que fazem parte da sociedade sem que muitas vezes sejam percebidos. Composto por 12 imagens, o ensaio abrange desde crianças envolvidas no trabalho braçal até idosos que tiram seu sustento fora da aposentadoria através de venda e prestação de serviços. As imagens são impressas em papel fosco 30x20cm e passaram por um processamento digital a fim de se adaptarem a estética escolhida.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; documental; informal; trabalhadores; comunicação.

1 INTRODUÇÃO

Introduzir um trabalho cuja a aspiração é reunir o palpável com o impalpável – as relações que se estabelecem socialmente entre os sujeitos do ensaio e seus arredores – é uma tarefa complexa. Pensar nas cuidadosas relações entre o meio de vida, os que consomem os itens fornecidos para possibilitar a existência desse mercado informal, costumeiramente repudiado e negligenciado passar a ser uma necessidade de pensar, na verdade, as relações que os seres humanos possuem entre a realidade própria e a realidade alheia, aquela que temos somente pequenos vislumbres que nos são permitidos, aquela que a fotografia busca retratar como um fato que jamais acontecerá novamente. Essa é a aspiração do projeto, capturar essências de pessoas, de momentos que são tanto de labor quanto de felicidade. Trabalhando com esse pensamento, me propus a rodar as ruas e ruelas

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Ensaio fotográfico.

² Aluno líder do grupo e estudante do 2º. Semestre do Curso Jornalismo, email: yuri.barichy@gmail.com.

³ Professor Doutor pela ECO-UFRJ e Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo.

do Centro de Vitória além de outros bairros que possuem caracteristicamente uma “fama” de possuir um mercado informal forte, seja ele em dias específicos ou se mantendo de segunda a segunda.

2 OBJETIVO

Objetivo Principal - Realizar uma exposição com o as obras, de forma com que outras pessoas possuam acesso ao material coletado e as imagens capturadas.

Objetivo Secundário – Realizar uma ação de cunho social através da fotografia documental, demonstrando a importância desse mercado para a população e de quem ele é feito.

Objetivo Secundário – Adquirir material fotográfico documental sobre a cidade de Vitória, seus habitantes e sua vivência diária.

Objetivo Secundário – Estudar a fotografia documental social na contemporaneidade.

3 JUSTIFICATIVA

Quando pensamos que Roland Barthes introduz a fotografia em seu livro “A Câmara Clara” da seguinte forma – “A fotografia reproduz ao infinito aquilo que só ocorreu uma vez; ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá se repetir existencialmente.” - forma a qual nos passa a mensagem que aquilo que captamos é um momento único. Essa é a beleza da fotografia, capturar esse vislumbre no que a pessoa se permitiu deixar um observador adentrar a sua vida, congelar um recorte dessa realidade na qual ela está introduzida e reproduzir para outros, infinitamente, essa sensação de presencialidade quase incontestável.

De forma documental, o trabalho retrata uma dicotomia existente na sociedade qual tal a conhecemos, aquela velha ideia de julgar o mercado informal e de serviços públicos como um local onde os trabalhadores são pessoas exploradas, infelizes e de vida difícil, algo que não é uma representação apropriada da realidade, mas sim uma reação coletiva a anos de classificação do trabalho braçal como algo sub-humano, quase símio. A mentalidade imperante, segundo Muniz Sodré, ainda é aquela que descende da elite branca escravocrata brasileira, classificando trabalhos manuais e laboriosos como sinais para uma vida, quase como um carma pessoal intransferível. Em verdade, o trabalho realizado mostra facetas distintas de uma situação complexa, como era de se esperar, há mais do que definições em preto-e-branco, essas relações mudam de pessoa para pessoa muitas vezes de

formas extremas, o que levou-me a crer que as cenas que não foram possíveis de serem capturadas contariam uma história diferente da que existe e coexiste conosco no dia a dia, porém não menos verdadeira. Com o objetivo de documentar essas relações, o livro abre simplesmente um pequeno começo para essa ambição de entender as minúcias de uma sociedade tão curiosa e complexa como a nossa.

A simples possibilidade de encarar um aprofundamento no fotojornalismo transformando a cobertura de hard news em um estudo documental da sociedade definido por Kenneth Kobre como “In Depth Photojournalism” ou em tradução livre “Fotojornalismo em Profundidade” é algo que se deve ser aproveitado. Dessa ideia surge o conceito no qual é baseado o livro “Street Workers”, um aprofundamento em duas seções da fotografia documental, o Retrato e o Fotojornalismo, mesclando os dois com o tema favorito de tantos mestres, o Social, gerando assim um conceito bastante clássico dentro da fotografia, embora passe por uma estética diferente de washout palletes pouco comum nessa área. Robert Bergman inaugura essa fase do documentarismo fotográfico na década de 80, retratando moradores de rua de New York com uma câmera portátil e filme em cores, algo que era abominado tanto nas redações jornalísticas quanto no mercado de arte. Houveram precursores como Joel Meyerowitz que realizavam Street com cromos coloridos e polaroids, mas sem o mesmo apelo social que Bergman trouxe para as cores, como o próprio Meyerowitz recorda no documentário Genius of Photography da BCC UK (Genius of Photography, BBC UK, 2007, 403 min.) afirmando que antes dos anos 1980’s, fotografia em cores era algo de amador, do dia a dia das pessoas e não dos profissionais que retratavam a vida urbana.

Partindo de Bergman, a escolha do sujeito a retratar foi um passo mais difícil, afinal, é uma área bastante esgotada de ideias novas. Passar por um processo de mudança foi providencial, passar a enxergar que existem mais relações humanas que podemos ver somente com o monocromático, ver que as cores importam na representação, até mesmo de detalhes, coisas que podem mudar todo um significado. A decisão de retratar o mercado informal e de serviços foi interessantemente aleatória, simplesmente um estalo me fez notar que era algo bastante negligenciado nesses anos de existência da fotografia, não que não tenha havido, mas não tão memoráveis como os que passaram por outras partes dessa vastidão de que se compõe o documentarismo. Temos, portanto, o sujeito e a definição da unidade estética, aquilo que compõe a apresentação do objeto a ser produzido ao público, mas faltava aquilo que justificava o trabalho de forma íntima, uma questão social que justificasse a relevância do trabalho tanto para mim quanto para os observadores, porque

isso seria importante? Nesse momento, percebo um trabalhador sendo ignorado pelos passantes, e de tal forma, se tornando um fantasma em meio a uma multidão, um alguém incomodo e ignorado pelas massas. Era isso, era – e é – importante dar voz à aqueles que vivem as margens, aqueles que tiram seu sustento da mesma sociedade que passa a ignorar sua existência quando não se necessitam mais deles, era necessário mostrar essa ligação que toda a sociedade tem para a manutenção dessas pessoas e seu meio de vida, e para além, mostrar que não há motivos para acreditarmos no preconceito vigente e sim naquilo que podemos ver, ou melhor, naqueles pequenos vislumbres da realidade que nos são permitidos capturar, como uma câmera ou não.

Com tudo definido, realizar essa tarefa é um imenso prazer e satisfação, ainda mais em um local onde a grande maioria esmagadora dos profissionais da fotografia temem mais por seus equipamentos do que por seus ideais e ideias. Esse projeto, no pé em que se encontra, é somente uma ilustração do trabalho final que ainda irá se concretizar por completo, mas já é um bom esboço do que ele será e do potencial que é possível extrair de situações que jamais irão se reproduzir existencialmente uma segunda vez. Além de um relato imagético sobre os sujeitos, é um pedaço de mim que fica em cada foto, cada sorriso trocado e cada recorte feito, mais do que somente representar, é apresentar através de meus olhos essas pessoas.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Toda a captura das fotografias foi feitas com um equipamento específico de minha preferência, uma Nikon D5000 com uma lente Nikkor 35mm 1.8 D AF-S sem a utilização de flash e somente iluminadas por luz disponível no local em que as fotos foram feitas, sejam elas luzes artificiais ou naturais. Além das escolhas de abertura, velocidade de obturador e tratamento de imagens para obter o resultado final de uma estética de *washout palette*³, o método mais importante que utilizei foi o olhar, os livros que li, as fotos que vi e as pinturas que apreciei. Sem essa parte essencial, de nada adiantaria saber as especificações técnicas do meu equipamento favorito. Para mim as imagens que o dispositivo fotográfico apresenta na sua forma de mostrar o mundo não teriam sido-me reveladas, essa é a técnica mais importante, saber ver através do que você tem, não importando o equipamento.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

³Estética de desaturação com meios tons bem definidos utilizada pelo fotógrafo Robert Bergman.

Composto por 12 imagens, o ensaio abrange desde que crianças envolvidas no trabalho braçal até idosos que tiram seu sustento fora da aposentadoria através de venda e prestação de serviços. As imagens são impressas em papel fosco e passaram por um processamento digital afim de se adaptar a estética escolhida. Baseado numa recapitulação do trabalho de Robert Bergman, sua versão digitalizada traduz um resultado que se aproxime do que o filme utilizado pelo mesmo.

6 CONSIDERAÇÕES

O trabalho é de um formato clássico, documental e de cunho social. Embora possa parecer relativamente simples, as condições para se direcionar a esse tema são evidentemente mais complexas do que o simples fato de sair a rua e clicar. Os objetos, as pessoas que são retratadas deixam parte de si nas imagens, assim como quem realiza a foto deixa de si, dessa confluência surge a imagem verdadeira, surge aquela subjetividade e sentimentalismo no qual um bom trabalho documental é formado, ou melhor, revelado. Realizar algo assim é satisfatório, mas além disso, é um desejo de vida, é uma escolha pouco usual em termos de segurança na sociedade que vivemos, além de tantos fatores sociais que levam as pessoas a virarem o rosto para situações que para eles são desconfortáveis, mas, ao mesmo tempo, dar valor somente ao lado negativo não reflete a realidade conforme ela é – ou o que podemos concluir que ela seja.

Talvez possa parecer pretensioso retratar a realidade, mas é realista retratar os recortes que criamos para demonstrar o que acreditamos ser real. Nisso que se baseia esse projeto, gerar recortes de vidas e de histórias que se colocam para serem contadas.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- _____. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papyrus, 1993.
- LIMA, Solange Ferraz de. **Fotografia e Cidade: da razão urbana à lógica do consumo; álbuns da cidade de São Paulo (1887/1954)**. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1997.

LOPES, Almerinda da Silva. **Memória aprisionada: a visualidade fotográfica capixaba** (1850/1950). Vitória: Edufes, 2004.

GOVEIA, F. G. . **Cartões postais de vitória - Vistas de uma cidade invisível**. Rio de Janeiro. ECO-UFRJ, 2011.

LISSOVSKY, M. **A Máquina de Esperar**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

KRACAUER, S. **O Ornamento da Massa**. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 149-160

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa-Preta**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002, p. 82-4.